

A HISTÓRIA DA TV EDUCATIVA *UNIBH-INCONFIDENTES*

Carla Martoni Mendes, Luiz Ademir de Oliveira e Margareth Maria Mendes Carvalho

Carla Martoni Mendes é jornalista e mestranda em Comunicação Social na Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC), onde também atua como docente no curso de graduação de Jornalismo da UNIPAC de Conselheiro Lafaiete, além de ser assessora da Assembléia Legislativa de Minas Gerais (ALMG).

Luiz Ademir de Oliveira é mestre e doutor em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) e atua como docente e pesquisador no Mestrado em Comunicação Social da UNIPAC e do curso de Jornalismo do Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH), onde também coordena a Pós-Graduação *Lato Sensu* em Comunicação e Política.

Margareth Maria Mendes Carvalho é psicóloga e mestre e doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e atua como docente e pesquisadora no Mestrado em Comunicação Social da UNIPAC.

Resumo

O artigo tem por objetivo mostrar a trajetória das TVs Educativas tomando como referência uma tradicional emissora localizada em Ouro Preto, região dos Inconfidentes em Minas Gerais, a *TV -UNIBH INCONFIDENTES*. Foram utilizados depoimentos coletados em impresso e em vídeo bem como cenas que marcaram as transmissões da emissora. O trabalho traz, também, relatos da equipe que produz diariamente a programação da TV UNI-BH Inconfidentes e opinião quanto à programação dos telespectadores que residem naquela região. Buscou-se a partir da técnica da História Oral (HO) resgatar momentos importantes da emissora. Discute-se, com base nos depoimentos, as características de uma TV Universitária e de cunho educativo.

Palavras chave: TV Educativa – História Oral – TV Universitária - Emissora

Resumen

El trabajo tiene por objetivo mostrar la trayectoria de las TVs Educativas, tomando por referencia una tradicional emisora de TV, ubicada en Ouro Preto, región de los Inconfidentes, Minas Gerais, Brasil, la TV UNIBH Inconfidentes. Han sido utilizados testimonios colectados en impreso y en video, así como las escenas que han marcado las transmisiones de la emisora. El trabajo trae también relatos del grupo que produce diariamente la programación de la TV UNI-BH Inconfidentes y la opinión en relación a la programación de los telespectadores que viven en aquella región. Se ha buscado, a partir de la técnica de la Historia Oral (HO) rescatar momentos importantes de la emisora. Se discute, basándose en los testimonios, las características de una TV Universitaria y de carácter educativo.

1 A História Oral (HO) como forma de resgate da memória nas pesquisas do campo da Comunicação

Ao buscar resgatar importantes momentos bem como opiniões sobre a *TV UNI-BH Inconfidentes*, optou-se por uma técnica de pesquisa de campo qualitativa que tem sido cada vez mais utilizada nas pesquisas do campo da Comunicação, a História Oral (HO). Em casos em que os métodos quantitativos não são os mais apropriados, as técnicas qualitativas se apresentam como métodos ricos para entender a complexidade do fenômeno a ser estudado.

Em seu livro “Metodologias qualitativas na Sociologia”, Tereza Maria Frota Haguette (2000) explica que a técnica da história oral é utilizada, muitas vezes, para recuperar certo período contemporâneo ou certo evento ou mesmo como forma de recuperar informações sobre determinado fenômeno – no caso a TV Uni-BH Inconfidentes. A autora esclarece que a História Oral tem vantagens por oferecer um maior tempo para a gravação acurada e preservação das fontes pessoais e não se trata de uma inovação moderna. Mas o seu emprego na atualidade representa uma resposta à crescente procura de informação.

Por basear-se no depoimento pessoal e na memória, a HO está sujeita a críticas a respeito da validade dos dados que ela obtém. Dentre os pontos de questionamento em relação a esta técnica, a autora cita o fato de ser acusada de não ser um método confiável: a) porque se baseia

no depoimento de um ator social que é, por definição, um depoimento parcial; b) porque se funda na memória do depoente, e a memória humana é falha e deficiente. Não há dúvidas de que estas críticas são pertinentes, e que representam reais limitações para a HO, mas é importante notar que elas não são privilégio da HO. O componente ideológico permeia todo tipo de informação coletada. Como qualquer outra técnica, a prática de HO deve envolver toda a vigilância epistemológica para controle do erro e preservação da fidedignidade dos dados.

Em sua discussão, a autora conclui que: a) a HO é uma técnica de coleta de dados baseada no depoimento oral, gravado, obtido através da interação entre o especialista e o entrevistado, ator social ou testemunha de acontecimentos relevantes para a compreensão da sociedade; b) a HO tem por finalidade o preenchimento de lacunas existentes nos documentos escritos; c) a HO é interdisciplinar, interessando às diversas áreas; d) como instrumento de captação de dados, sofre de algumas limitações.

No que diz respeito à técnica da história oral, a autora diz que a utilização desta técnica pressupõe, primeiramente, a existência de um programa de reconstituição histórica sobre algum tema específico, preferencialmente vinculado a uma instituição. Nos casos acadêmicos, vincula-se a alguma pesquisa. Segundo Haguette, após este primeiro passo, várias questões devem ser resolvidas: quem deve ser entrevistado? Quem deve fazer as entrevistas? Que tipo de abordagem histórica será melhor? Como organizar o conteúdo ou roteiro de entrevista? Como planejar e escalar as entrevistas? Como processar as fitas? Quais os procedimentos legais envolvidos na doação da entrevista?

Haguette explica que a escolha dos entrevistados não pode ser aleatória, ou seja, não pode obedecer aos parâmetros da amostragem probabilística. Existem alguns personagens cuja contribuição é imprescindível. A montagem da lista deve ser efetuada a partir da indicação de especialistas no tema e de informações contidas em dados secundários. Depois, deve-se fazer a triagem dos nomes mais significativos. Os mais idosos deverão ter prioridade na ordem das entrevistas, dado o risco de maior doença. Para fazer a entrevista, é melhor pessoas já treinadas.

O tipo de entrevista, ou o enfoque histórico a ser adotado, pode envolver a decisão entre a entrevista biográfica ou a entrevista temática. A organização do roteiro da entrevista pressupõe uma série de procedimentos tais como o conhecimento profundo do tema em questão, obtido através de todas as fontes disponíveis (livros, jornais, documentos, etc). Já para a entrevista

biográfica é necessário o domínio do contexto histórico no qual viveu o personagem, assim como de sua vida e de sua obra.

2 O Aparecimento das TVs Educativas

2.1 As primeiras experiências das TVs Educativas e o modelo europeu

As TVS Educativas, talvez por sua especificidade, refletiram diretamente as mudanças teóricas e tornaram-se exemplos concretos da contextualização histórica, da trajetória e do convívio da comunicação e educação. As TVEs são pano de fundo para qualquer discussão que envolva comunicação e educação na tv, já que esta instalada nela a origem de qualquer produção neste sentido.

As TVEs implantadas no Brasil sofreram mais influências diretas das criadas aos moldes norte americanos do que as da Europa. Nos Estados Unidos, as tvs de integração e pública se baseiam na teoria da informação enquanto as TVEs européias usam a teoria crítica. Nos EUA, a perspectiva do “estímulo-resposta”, onde a preocupação maior é com os efeitos da comunicação, procura-se na maioria das vezes responder às perguntas: Quem? Diz o quê? Em que canal? Para quem? Com que efeito? (LASSWELL, 1987, p.105).

Tal concepção linear do processo comunicativo, no entanto, hoje é bastante questionado. Foi o modelo que explicava a Teoria Hipodérmica, uma das primeiras correntes teóricas, formuladas na década de 20, direcionada aos estudos sobre os fenômenos da comunicação de massa. As críticas recaem sobre o poder que a teoria dava ao emissor como um pólo que tinha total controle sobre o processo de transmissão das mensagens. Emissor e receptor eram vistos como codificadores e decodificadores destas mensagens. Hoje, pensa-se a comunicação como um processo de interlocução. O modelo de Lasswell, considerado o modelo matemático da comunicação, por se basear na eficácia da comunicação (quanto maior o número de informações transmitidas num menor tempo possível, mais eficaz a comunicação), é considerado uma visão ultrapassada das relações comunicativas.

Segundo George Gordon (1967), um dos maiores pesquisadores da televisão educativa nos Estados Unidos, logo após a Segunda Guerra Mundial, precisou-se criar um modelo de televisão cuja programação incentivasse o consumo dos bens produzidos. O autor explica que o ano de 1948 marcou a ascensão da TV na América, pois as transmissões em cadeia tiveram início no fim da Segunda Guerra Mundial. Além disso, a produção dos receptores elevou-se, e o apoio da propaganda, essencial para a transmissão comercial, passou a priorizar a televisão em detrimento de outros veículos, como o rádio.

No Brasil, a situação não foi diferente, e o efeito estímulo-resposta obteve o resultado esperado e foi incorporado a vida social, com grande sucesso comprovado na prática. Desta forma, não é de se estranhar que um projeto de televisão que não visasse o incentivo ao consumo e ao lucro ficasse relegado a um segundo plano que na maioria das vezes não era nem mesmo analisado como possível alternativa. As TVEs ficaram restritas às instituições de ensino, e de uso limitado, basicamente em circuitos fechados de ambientes acadêmicos.

Na Europa, a Teoria Crítica possibilitou ao Estado controlar toda a produção das TVEs, que não seguem o modelo norte-americano, no sentido de repetir o vínculo comercial; o que se pretende fazer é estabelecer uma programação que privilegie o conteúdo e não a forma. O conteúdo era de fácil assimilação, ágil, flexível e com grande poder de adaptação conforme a aceitabilidade do telespectador. Buscava-se a satisfação sensorial imediata e a resposta na atuação consumista da sociedade.

A TV européia tinha a programação formada por programas no contexto educacional, valorizando a produção local e a busca de uma forma e um conteúdo mais reflexivo e consciente. A TV deveria cumprir sua função de formar um cidadão crítico de sua sociedade, com informações suficientes para tomar decisões em seu benefício e do coletivo e sem fins lucrativos e comerciais. Desta maneira, as emissoras européias já nasceram educativas.

Este modelo de TV não resistiu à era dos satélites, que levaram para as casas dos europeus um modelo que rapidamente ganhou espaço. Em pouco tempo, as tvs estatais e monopolistas se viram obrigadas a mudar.

Mas afinal, o que seria uma TVE? No princípio, o conceito de televisão educativa não dizia respeito às emissoras voltadas para fins educacionais, mas toda forma de veiculação, via TV, de programas e projetos que objetivaram o ensinamento. “O uso popular permitiu ao termo

televisão educativa compreender quase todo tipo de programa educacional de televisão, apresentando para qualquer finalidade séria ou que tente ensinar alguma coisa” (GORDON, 1967,p 14)

O conceito abrangia várias ações: a) transmissão de circuito fechado; b) emissoras de sinal aberto, tanto de pequeno alcance como as de grandes redes; c) utilização de vídeo em salas de aula; d) as TVIs, a televisão instrutiva, de transmissão aberta mas limitada a um público específico, com programas específicos semelhantes aos sistemas adotados para os seminários a distância, via satélite, realizados atualmente. Como já foi dito, dentro do panorama social americano dos primeiros anos da televisão, a idéia de TV que não estivesse voltada para o comercial era bem aceita. Já em 1943, a poderosa Federal Communication Commission (FCC), que regia e administrava a concessão de rádios, recebia pressões contra a liberação de canais para a educação.

Em 1963, o serviço fixo de televisão educativa, pertencente a FCC, declarou que a finalidade primordial do novo serviço era transmitir matéria educativa visual e sonora a determinados locais receptores, em escolas públicas e particulares, faculdades e universidades e outros centros de instrução para a educação formal dos alunos. Embora com grandes limitações de alcance e de programação, era o embrião para o surgimento do atual conceito de TVEs, deslocando as emissoras dedicadas à educação das finalidades comerciais.

A definição de TVEs deve-se, também, à valorização do meio como principal enfoque no processo comunicativo. Em resumo, onde houvesse um aparelho de TV, e nele fossem veiculados imagens e sons com o objetivo educacional, ali haveria uma televisão educativa. Não importa se em circuito fechado, em rede nacional, via TV ou até mesmo a utilização de vídeos em sala de aula. Afinal, do ponto de vista da teoria da informação, o que acontecia, quando um cidadão se colocava à frente do aparelho de TV era a finalização de um processo comunicativo, esperando-se que a instituição se constituísse no efeito do programa. Não é a toa que KOENING e HILL (1970) conceituam a TVE como um meio que difunde programas dedicados a informação, a instrução, a temas culturais e de interesse geral, e de entretenimento. A TVE deste ponto de vista não está inserida em meio. A TVE é o próprio meio, independente do instrumento utilizado.

Na Europa, a história foi totalmente diferente, assim como foram, também, os caminhos dos teóricos que formularam a teoria critica. “O rádio e a televisão são veículos da produção

cultural de um povo ou de uma nação e, para exercerem essa tarefa não podem ser contaminados por interferências políticas ou comerciais. Ainda que marcada por uma forte dose de purismo, foi essa a concepção que sustentou durante sessenta anos o modelo de televisão adotado na Europa ocidental” (LEAL FILHO, 1997, p 17).

Esta descrição de Leal Filho sobre o modelo europeu de televisão demonstra que, na intenção, todas as televisões dos países europeus começaram educativas no sentido mais amplo da palavra. E, por sua vez, mais próxima de um conceito de tv educativa elaborada. O primeiro diretor da BBC, JOHN REITH, afirmava que um dos objetivos do novo veículo era “proporcionar a criação de um eleitorado, mas inteligente e iluminado tomando-se um fator de integração para a democracia”. (LEAL FILHO, 1997, p.24)

Com tradição centralizadora, as emissoras de tv européias estiveram, durante seis décadas, sob o domínio do Estado. Assim como o Estado, a princípio, tem como uma de suas funções a educação do seu povo, a nova tecnologia surgia como um ótimo veículo para este fim. Obviamente, não somente para este fim, mas agregado a um conjunto de atitudes, meios, além de uma democratização das informações e da educação, gerida pelo governo.

Na Europa não havia divisão conceitual entre TVEs e TVs comerciais, sendo a primeira as emissoras voltadas exclusivamente para o apoio educacional, o incremento cultural e a disseminação de informações, sem fins lucrativos e com enfoque ao desenvolvimento de cidadão. As segundas poderiam ter as características comerciais, mas rigidamente controladas pelo estado e sempre em segundo plano em relação às TVEs.

2.2 As TVEs chegam ao Brasil

No Brasil, as emissoras educativas ficaram à margem das TVs comerciais, como o modelo americano e em oposição ao modelo europeu. No entanto, nos Estados Unidos, as TVEs, embora igualmente separadas, estavam ligadas a instituições de ensino ou de interesse social. Aqui, a opção foi o atrelamento ao estado, em todas as formas possíveis. Os empregados são funcionários públicos, as diretorias indicadas conforme arranjos políticos, a programação definida dentro dos padrões de controle social e políticas governamentais, a legislação proibindo qualquer tipo de

financiamento por parte de qualquer segmento da sociedade as TVEs dependentes eternas do estado. Uma mistura entre modelos europeu e estatal.

Nos anos 80, com a abertura política, as coisas começam a mudar. Este momento histórico afetou diversas áreas e, naturalmente, as TVEs. Agora, era preciso resgatar a utilidade das TVEs e fazer com que elas cumprissem sua vocação. Havia, no entanto, uma série de dilemas a serem resolvidas. Não coincidentemente, neste mesmo período novas formas de se encarar a comunicação começaram a ganhar mais destaque e é aí que a história das TVEs definitivamente se engaja com as teorias da comunicação.

3 TV Educativa e TV Universitária

3.1 TV Educativa

De acordo com Gabriel Priolli (2004), em artigo publicado no site da ABTU, a televisão educativa brasileira, a rigor, nasceu universitária. A primeira emissora educativa a entrar em operação no país, em 1967, foi a TV Universitária do Recife vinculada à Universidade Federal de Pernambuco. O autor explica que, para se tornar uma emissora educativa, as emissoras universitárias precisam de uma outorga de canais educativos abertos, concedidos pelo governo federal, para operarem nas frequências, Very High Frequency (VHF) e Ultra High Frequency (UHF) em sinal aberto, transmitido via satélite.

As emissoras educativas diferenciam-se das universitárias (voltadas mais para o espaço acadêmico), por prestarem um serviço em prol da comunidade, atuando via satélite elas oferecem uma programação mais ampla, como a produção de programas próprios e reportagens locais, junto à população. Além disso, conforme observa Priolli (2004), elas atuam junto às outras emissoras.

Pelo menos outras 12 instituições de ensino superior receberam outorgas de canais educativos abertos e vêm operando as estações, com suporte de programação das duas grandes emissoras educativas do país, que têm maior capacidade de produção e constituíram-se em “cabeças de rede”: a TV Cultura de São Paulo, da Fundação Padre Anchieta, e a TV Educativa do Rio de Janeiro, da Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto.

Segundo Priolli, o crescimento de emissoras educativas do Brasil de sinal aberto controladas pelo Instituições de Ensino Superior- IES aumentou, desde 1995, para 49 canais em operação.

3.2 TV Universitária

Televisão universitária é considerada pela ABTU – Associação Brasileira de Televisão Universitária - em seu estatuto como sendo aquela produzida por Instituições de Ensino Superior (IES) e transmitida por canais de televisão (abertos ou pagos) e/ou por meio convergentes (satélites, circuitos internos de vídeo, internert e outros) voltadas estritamente à promoção da educação, cultura e cidadania.

Nesse sentido, uma TV universitária não pode se restringir apenas a um laboratório de TV, onde se pode realizar trabalhos acadêmicos, como Priolli nos chama à atenção. “A percepção da maioria, tanto no mundo universitário quanto na mídia brasileira, é uma televisão laboratorial, produzida por estudantes sob a orientação de professoras, visando tão somente a sua capacitação profissional, para o ingresso no mercado de trabalho” (PRIOLLI, 2004).

Ela deve ser muito mais, abranger uma comunidade, divulgando a informação, sem fins lucrativos. Fato que a difere de uma emissora comercial, que precisa de recursos financeiros para colocar no ar a grade de programação. A TV utiliza esses recursos ao colocar na programação vários anunciantes, que patrocinam os diversos programas e permite a esse veículo ter um grande número de telejornais dentro da programação, uma vez que são os programas de maior audiência na grade. Com isso, elas atingem um grande público brasileiro. E através dos noticiários as pessoas podem ter conhecimentos necessários para interagir com o mundo em que vivem.

Uma TV universitária pode ter também uma programação livre, ou seja, ter vários programas relacionados a esportes, saúde, educação e outros, favorecendo aos usuários uma programação diversificada, em que se pode trabalhar a produção de programas em várias linhas editoriais. Isso permite a criação de produtos culturais, esportivos, jornalísticos e outros que possam atender bem à comunidade.

Mas a TV universitária, por prestar serviços voltados ao mundo acadêmico, corre o risco de atingir apenas ao público de seu interesse, como exemplo estudantes, professores e

vestibulandos e ao mesmo tempo, criar uma programação focada em produtos acadêmicos, tornando possível o crescimento intelectual de seus telespectadores, mas restringindo-se a esse público ao oferecer uma linguagem específica.

Para se manter uma TV Universitária, existem algumas dificuldades, pois propaganda é proibida por lei nas emissoras educativas abertas, incluindo qualquer patrocínio, mas na maioria dos casos as TVs realizam algumas propagandas através de “apoio culturais”, o que não é totalmente permitido por lei, como diz a legislação: “Sendo vedada a transmissão de qualquer propaganda, direta ou indireta, mesmo que nenhuma propaganda seja feita através de semântica. Nos canais universitários, a situação melhora um pouco, pois, a publicidade comercial é permitida como a “menção ao patrocínio de programas”. Isso facilita um pouco a captação de recursos, e ajuda às emissoras a manterem no ar sua programação. Patrocinando um programa a empresa tem seu nome inserido junto à comunidade.

Segundo Suzana Kilpp (Mundos Televisivos, 2005) “as peças publicitárias têm, efetivamente, uma visível autonomia que lhes permite facilmente tal migração, e os anúncios circulam, os mesmos, em qualquer horário e canal, em espaços escolhidos e pagos pelo anunciante”. É dessa forma que os patrocinadores podem comprar o melhor horário de uma TV, e divulgar a marca de seu produto para um telespectador. Outro fator de extrema importância para esses anúncios seria a “estética” usada na propaganda, que muitas vezes, são feitas com muita criatividade e utilização de tecnologia que permite aos telespectadores se encantar com o anúncio e acabar levando o produto. Isso faz com que a marca do patrocinador, seja sempre lembrada pelas pessoas.

4 TV UNIBH- Inconfidentes: um estudo de caso

A TV Uni-BH Inconfidentes atinge as cidades de Ouro Preto e Mariana, com uma população estimada em 130 mil habitantes, onde é a única emissora local com programação própria concentrada em telejornalismo e programas de interesse regional. Vale destacar a importância internacional da região pelo acervo histórico e riqueza do barroco e pelo fato de Mariana ter sido a primeira capital do Estado.

A história da TV Cultura de Ouro Preto – TOP CULTURA começa em 10 de setembro de 1993 quando o Ministério das Comunicações concedeu à Fundação Cultural de Belo Horizonte – Fundac /BH o canal 15 UHF, em Ouro Preto. Dois anos depois é inaugurada, em 29 de setembro de 1995, a TOP Cultura, hoje, TV UNI-BH Inconfidentes.

A TV UNI-BH Inconfidentes está ligada diretamente ao Centro de Cultura de Comunicação da FUNDAC-BH, Fundação mantenedora do Centro Universitário de Belo Horizonte – UNI-BH. Dentro dessa realidade, a triangulação Centro Acadêmico/Departamento de Comunicação Social/Emissora de televisão pôde ser inaugurada, pela primeira vez na história da comunicação social no país servindo de exemplo para o segmento em todo o Brasil.

A emissora tem como um de seus objetivos munir a instituição de ensino de um laboratório para o departamento de Comunicação da UNI-BH, além de subsídios para cursos de Extensão e Pós-Graduação em Telejornalismo Aplicado. Entre os programas da TV de Ouro Preto, destacam-se:

- (1) Telejornal TJ Inconfidentes: jornal de 30 minutos, de segunda a sábado, com reportagens regionais. Grande parte de sua pauta vem de sugestões da população. Muitas das matérias são envidadas para exibição nos jornais da Rede Minas, TVE do Rio de Janeiro, TV Cultura de São Paulo e TV Nacional de Brasília.
- (2) Programa Comunidade: uma série de documentários, utilizando as técnicas da história oral, com o objetivo de resgatar e registrar a história de cada uma das localidades que compõem os municípios de Ouro Preto e Mariana através de depoimentos dos moradores da própria região.
- (3) Cantos e Violas: programa musical semanal que tem como foco a chamada “música de raiz”. Nesse espaço, os artistas locais têm a oportunidade de mostrar seu trabalho à comunidade.
- (4) Programa Bem Viver: as dúvidas sobre saúde são discutidas por médicos, que se revezam na apresentação dos entrevistados.
- (5) Esporte em Ação: o programa trata das práticas esportivas locais, valorizando todas as modalidades de esporte na região.

- (6) Arte e Ritmo: programa voltado para os jovens e adolescentes da região. Exibe clipes nacionais e internacionais, divulga festas e eventos culturais e programação dos cinemas e teatros de Ouro Preto e Mariana.
- (7) Troféu TV Uni-BH Inconfidentes Comunidade: oferecido uma vez por ano, tem como objetivo resgatar uma tradição de reconhecimento da comunidade aos cidadãos e instituições que contribuem efetivamente para melhoria da sociedade.
- (8) Transmissões ao Vivo: cobertura ao vivo dos principais e mais tradicionais eventos de Ouro Preto, como as cerimônias da Semana Santa e missas especiais. A Semana Santa, em especial, tem grande significado para a população por ser o evento de massa mais próximo da história da cidade de Ouro Preto. Com a vinda de milhares de turistas, as ruas ficam cheias. Com a transmissão ao vivo, além de atender a quem não pode ir aos eventos religiosos, ainda perpetua a tradição. Sempre narrado por ministros da eucaristia, tem também a preocupação de esclarecer os fatos históricos e a simbologia contida nos eventos. Na última pesquisa realizada pela emissora, durante a transmissão, de cada 10 televisões ligadas, 8 estavam assistindo ao evento.

A TV UNI-BH Inconfidentes também se orgulha de ter feito coberturas históricas que correram o mundo como os incêndios da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, em Mariana, e do Antigo Hotel do Pilão, em Ouro Preto, hoje Centro Cultural da Fiemg. O quadro de funcionário é composto atualmente por vinte funcionários distribuídos nas funções de Coordenador Geral, supervisor de Jornalismo, supervisor técnico, três repórteres, três cinegrafistas, duas produtoras, seis técnicos, auxiliar administrativo, recepcionista, vigilantes e copeira .

A história oral da TV UNIBH Inconfidentes começa a ser montada a partir do ano de 1997, dois anos após a inauguração da emissora através de documento redigido e publicado pelo então coordenador Cláudio Magalhães. Os demais depoimentos que compõem este artigo foram gravados em vídeo onde também foram selecionadas cenas de arquivo que marcaram os trabalhos levados ao ar pela emissora.

Com dois anos de funcionamento, a então TV Cultura de Ouro Preto era coordenada pelo Doutor Cláudio Magalhães, que ficou a frente dos trabalhos da emissora durante dez anos. Magalhães não foi encontrado para participar através de depoimento da elaboração deste artigo,

porém conseguimos uma publicação relevante para esta pesquisa de um artigo escrito por ele no ano de 1998, quando ocupava a coordenação da emissora.

A TV Cultura de Ouro Preto - Top Cultura - fez dois anos, a emissora, com uma filosofia voltada para a educação e o incremento da cultura e é mantida pela Fundação Cultural de Belo Horizonte, a Fundac-BH entidade com mais de trinta anos dedicados à educação e à cultura. Como um canal de TV ligado a uma instituição de ensino, a Faculdade de Filosofia, ciências e letras de Belo Horizonte, a Fafi-BH, a TOP Cultura está diante de dois desafios. O primeiro é atender as comunidades de Ouro Preto e Mariana. O segundo é servir e dar suporte aos cursos ministrados pela Fafi-BH, inaugurada em vinte sete de setembro de mil novecentos e noventa e cinco, a TOP CULTURA buscou desde o início ser o canal de comunicação da população das localidades onde chega o seu sinal. Esse compromisso fez a equipe pensar numa grade de programação capaz de contribuir para formar telespectadores com consciência de cidadania.(...)

Na pauta do trabalho jornalístico da emissora, as riquezas culturais, históricas e arquitetônicas da região dos Inconfidentes, mas também as dificuldades sociais, econômicas e políticas. O que é produzido a partir dessa pauta vai ao ar no “TOP NOTÍCIAS”. Um programa jornalístico que tem a marca da independência, veiculando diariamente de segunda a sexta-feira às 19:30h. Ele é retransmitido às 13:00h. No sábado o “TOP NOTÍCIAS” é um balanço da semana, com uma equipe de quinze profissionais, entre técnicos e jornalistas, o Top Notícias tem quinze minutos de duração. Com uma linha editorial opinativa o noticiário tem matérias educativas, informativas e de prestação de serviços.(...) Mas a comunidade tem ainda voz e voto na TOP CULTURA através do conselho de programação. Composto por representantes das cidades de Ouro Preto e Mariana ele ajuda na formulação da política comunitária da TV(...)

A TOP CULTURA completa dois anos consciente dos desafios que tem pela frente. Ser um canal de comunicação a serviço da comunidade e um laboratório para as instituições acadêmicas. Conquistar esse objetivo significa trabalhar preocupado com a qualidade da programação que vai ao ar. Para a equipe que compõe o quadro de funcionários da empresa o desafio acaba sendo um exercício diário de uma comunicação cidadã. Na TOP CULTURA a televisão deixa de ser apenas um aparelho eletrodoméstico. Aqui ela assumiu uma função social de resgate da cidadania”. (CLÁUDIO MAGALHÃES, 1997) -

Para resgatar a história da TV UNI-BH Inconfidentes, foram feitas entrevistas com ex-funcionários e atuais funcionários da emissora para que pudesse ser pontuado, por meio destes depoimentos, os vários momentos da TV de Ouro Preto. Os depoimentos foram gravados e editados em DVD, que será apresentado como complemento ao artigo.

Referências

GORDON, George N. **Televisão Educativa**. Rio de Janeiro: Bloch, 1967. 118p.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Editora Vozes, 2.000

KILPP, Suzana . **Mundos Televisivos**. Porto Alegre: Armazém Digital, 2005. 106 p.

KOENING, Allen E. HILL, Rune B. **TV Educativa: Presente e Futuro**. Buenos Aires: Editora Troquel, 1970. 352p.

LASSWELL, H. **A estrutura e a Função da comunicação na Sociedade**. In: COHN, Gabriel (org.) Comunicação e Indústria Cultural. 5ª ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987.

LEAL FILHO, Laurindo. **A melhor TV do mundo**. São Paulo: Summus, 1997.

MAGALHÃES, Cláudio & ADEODATO Willian, **TV cultura de Ouro Preto & Comunidade: Uma Parceria para a Educação**, 1998, p. 32 – A TV DA UNIVERSIDADE

PRIOLLI, Gabriel. **TV Universitária: TV educativa em terceiro grau**. (Artigo publicado no site http://www.universia.com.br/html/materia/materia_eied.html em 26/08/2004, originalmente escrito para o site da ABTU)